



“É ESCURO, É IR PRA ESCURIDÃO”: SENTIDOS DO SER-PROFESSOR NO NOVO ENSINO MÉDIO

Irene Cristina Kohler

Doutoranda em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS.

Bolsista UNIEDU

Ângela Stübe

Professora orientadora (UFFS)

1. Introdução

Aprovada pela Lei nº 13.415/2017, a Reforma do Ensino Médio instaurou uma outra configuração para o currículo das escolas públicas brasileiras, tendo como uma de suas principais estratégias a implementação dos itinerários formativos. Essa reconfiguração, anunciada sob o discurso do “novo”, vem sendo difundida por meio de documentos oficiais e formações docentes que funcionam com a promessa de maior autonomia, personalização e protagonismo juvenil. No entanto, como destacam Pfeiffer e Grigoletto (2018), quando problematizada sob a perspectiva discursiva, tal proposta se inscreve em uma rede de sentidos que sustentam certos modos de funcionamento da linguagem e do sujeito na escola.

A inserção dos itinerários formativos, que promovem a flexibilização da organização curricular e a redução da carga horária das disciplinas tradicionalmente vinculadas à formação específica dos professores, desloca os sentidos historicamente estabilizados sobre o que é ensinar e o que é ser professor. O que se coloca em movimento não é apenas uma mudança de nomenclatura ou de estrutura, mas uma transformação nas condições de produção dos sentidos sobre a docência. Sob a aparência de ampliação de possibilidades pedagógicas, o que se materializa, muitas vezes, é uma lógica de gestão que aproxima a escola da racionalidade empresarial, marcada por eficiência, produtividade e polivalência. (Kuenzer, 2017)

Neste contexto, o sujeito-professor de línguas é interpelado a ocupar lugares que o distanciam da sua formação inicial e de sua experiência com os componentes curriculares consolidados, como Língua Portuguesa e Língua Inglesa, passando a ministrar disciplinas como Projeto de Vida, eletivas e trilhas formativas. Tal



deslocamento implica não apenas a assunção de novos conteúdos, mas a reinscrição do sujeito-professor em posições discursivas para as quais não há uma rede simbólica de sustentação. A prática docente, nesse cenário, deixa de estar vinculada a uma memória didática legitimada e passa a ser atravessada por exigências de adaptação contínua, criatividade performativa e disponibilidade constante, características compatíveis com a formação discursiva neoliberal que atravessa o campo educacional contemporâneo.

É nesse cenário que esta pesquisa se inscreve, tendo como objetivo analisar os discursos que atravessam e sustentam os dizeres de sujeitos-professores de línguas da rede pública de ensino do município de Chapecó/SC, ao enunciarem sobre o ser-estar-professor nos itinerários formativos. O interesse recai sobre a forma como esses sujeitos significam sua prática, suas inseguranças, resistências e deslocamentos diante da reconfiguração curricular em curso.

Para isso, parte-se do gesto teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação pecheuxtiana, tal como formulada por Michel Pêcheux ([1983] 1990) e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (2020), compreendendo que o sentido não está dado, mas se produz no entrecruzamento entre a materialidade da linguagem, a ideologia e o inconsciente. Ao escutar os dizeres desses professores, não se busca captar suas intenções nem lhes conferir voz, mas analisar os efeitos de sentido que emergem na relação entre linguagem e história, considerando as condições de produção que possibilitam determinadas posições-sujeito e interditam outras.

Nesse gesto de escuta, torna-se possível compreender o funcionamento de deslocamentos que não são apenas administrativos ou pedagógicos, mas discursivos, pois colocam em cena a tensão entre a permanência de sentidos historicamente estabilizados e a emergência de novas demandas que nem sempre encontram respaldo simbólico. Assim, interrogar os dizeres sobre o “novo” nos itinerários formativos é também interrogar os modos pelos quais o sujeito-professor se reinscreve em uma escola marcada por rupturas e continuidades, reorganizações e silenciamentos, que dizem mais do presente do que do futuro da educação pública.



2. Metodologia

O *corpus* da pesquisa foi constituído por meio de entrevistas realizadas com professores de línguas da rede pública estadual de Chapecó/SC, que atuam no contexto do Novo Ensino Médio, mais especificamente nos itinerários formativos. Das entrevistas realizadas, foram selecionadas duas sequências discursivas (SD1 e SD2), não com base em critérios representativos ou estatísticos, mas porque nelas se observam deslocamentos significativos de posição-sujeito, bem como a emergência de formulações atravessadas por efeitos de sentido que remetem ao incômodo, à ruptura e à necessidade de reinscrição dos sujeitos diante da reforma curricular.

A entrevista, na perspectiva da AD, não é tomada como um dispositivo neutro de coleta de informações, mas como um espaço de produção discursiva. Ao produzir seus dizeres, os professores falam de si como sujeitos interpelados pelas formações discursivas em circulação, o que significa que suas palavras estão sempre atravessadas por um já-dito. O *corpus*, portanto, é efeito de um gesto de leitura que se faz desde o lugar do analista, na tensão entre a materialidade linguística e as condições de produção que a sustentam.

As análises se orientam, assim, por uma escuta do modo como os sentidos se estabilizam e se deslocam nos dizeres dos professores. A partir da formulação de expressões como “começar do zero” (SD1) e “acende uma lanterninha e vai” (SD2), busca-se compreender como o sujeito-professor se reinscreve diante da interpelação imposta pela reforma do Ensino Médio, sendo convocado a ocupar posições discursivas instáveis, fragmentadas e polivalentes. Tais formulações operam como marcas da materialidade discursiva em que o sujeito-professor tenta sustentar-se diante de um espaço escolar que se reconfigura, tensionando as condições simbólicas que antes davam sentido à sua prática.

Dessa forma, o gesto metodológico aqui empreendido se constitui como uma interpretação sustentada na teoria da Análise de Discurso: o *corpus* não é dado, é construído; o sujeito não é origem, é efeito; e o sentido não é transparente, é sempre atravessado pelo equívoco, pela incompletude e pela memória discursiva que faz retornar o passado sob novas formas. Assim, o trabalho analítico assume o risco da leitura,



reconhecendo que interpretar é sempre um gesto situado, que se dá no entremeio da linguagem e da ideologia, e que, ao escutar os professores, o que se escuta são também os modos como a escola pública vem sendo significada e reconfigurada na contemporaneidade.

3. Resultados e discussão

As análises discursivas realizadas a partir das sequências discursivas (SDs) selecionadas apontam para o funcionamento de um deslocamento na posição-sujeito do professor de línguas no contexto do Novo Ensino Médio. Se, em um primeiro momento, o dizer docente se inscrevia em uma lógica disciplinar, sustentada por conteúdos consolidados, saberes legitimados institucionalmente e uma organização curricular relativamente estável, o que se observa agora é o funcionamento de um outro regime de interpelação: aquele que convoca o sujeito a performar continuamente, a adaptar-se, a ser “versátil”, mesmo diante da ausência de parâmetros para o exercício de sua função.

Na SD1, a expressão “começar do zero” funciona, em nosso gesto, como metáfora de um rompimento com os referenciais anteriores, produzindo o efeito de sentido de descontinuidade, como se a história da docência precisasse ser apagada para que o novo se instaurasse. Esse dizer se ancora em um gesto de interpretação que remete ao acontecimento da reforma que, embora enunciada como possibilidade de escolha e flexibilização, opera, no nível do simbólico, como apagamento de saberes anteriores. O sujeito-professor, desse modo, se vê diante da tarefa de preencher um espaço vazio, construído discursivamente como “novo”, mas que carrega a memória de outras formas de controle e precarização.

A SD2 reforça esse funcionamento, ao inscrever o dizer “é escuro, é ir pra escuridão [...] acende uma lanterninha e vai”. A metáfora da escuridão produz efeitos de sentido do desconhecimento, da ausência de orientação institucional e, sobretudo, da solidão do sujeito diante da tarefa de se reinventar. A lanterna, por sua vez, sustenta como figura de uma busca individual por caminhos possíveis, sem garantias. O sujeito-professor se reconhece como responsável por criar alternativas, mesmo quando as condições materiais e institucionais não o sustentam. É ele quem deve iluminar o caminho



que o próprio sistema obscurece. Desse modo, o sujeito se desloca da posição de professor especialista para a de um trabalhador polivalente, direcionado conforme as necessidades da gestão escolar. Esse funcionamento se articula com o que Thomaz Júnior (2006) nomeia como plasticidade do trabalho: uma forma de gestão que exige do trabalhador disponibilidade total, camuflada sob o discurso da autonomia e da inovação.

Há, portanto, um duplo movimento: de um lado, o discurso da reforma se apresenta como promotor de liberdade curricular e valorização do professor; de outro, o que se observa é uma intensificação das exigências, acompanhada de um esvaziamento simbólico da função docente. A palavra “eletiva”, por exemplo, carrega a promessa de escolha, mas funciona, no gesto analítico, como espaço de experimentação precária, de improviso e, muitas vezes, de resistência. O professor, convertido em um tipo de “recurso humano estratégico”, deixa de ser um sujeito da transmissão e da mediação para funcionar como “carta na manga”.

Esse deslocamento de posição-sujeito é, portanto, o principal efeito de sentido que atravessa as análises. O sujeito-professor, antes reconhecido por uma forma-sujeito relativamente estabilizada, passa a habitar uma posição flutuante, marcada pela instabilidade, pela exigência de performatividade e pela responsabilização individual diante da falência institucional. Não se trata apenas de novas funções, mas de uma nova configuração discursiva do que é “ser professor”.

4. Considerações finais

Compreende-se, a partir da análise discursiva, que os itinerários formativos produzem efeitos de sentido de reordenação do que é ser professor, subordinando sua prática à lógica neoliberal de adaptação, inovação e produtividade. Contudo, o que emerge dos dizeres dos sujeitos não é um alinhamento pacífico, mas sim a irrupção de sentidos que marcam o incômodo, a resistência e a tentativa de sustentar-se frente à ausência de reconhecimento. Reduzir o professor a um operador multifuncional compromete a ética e a história que constituem o trabalho docente. Assim, este estudo contribui para problematizar os efeitos da reforma educacional na constituição do sujeito-professor e nos sentidos que atravessam sua prática.



Referências

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e 11.494, de 20 de junho de 2007, entre outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 17 mar. 2021.

KUENZER, A. Z. **A flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 38, n. 139, p. 331-354, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mJvZs8WKpTDGCFYr7CmXgZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1999] 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1983] 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PFEIFFER, C.; GRIGOLETTO, M. **Reforma do Ensino Médio e BNCC: divisões, disputas e interdições de sentidos**. Revista Investigações, v. 31, n. 2, dez. 2018.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Os limites da teoria e a plasticidade do trabalho: (repensar auto-crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil)**. Pegada, Presidente Prudente, v. 7, n. 1, p. 07-40, jun. 2006.